

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: 197

Data: 29.04.85

Pg.: \_\_\_\_\_

# Garimpeiros interditam a Belém-Brasília

Revoltados com a ocupação do garimpo Maria Bonita pelos índios, os garimpeiros continuam seu protesto.

Há mais de três mil garimpeiros interditando a Belém-Brasília, no trecho que vai de Colinas a Araguaína — Norte do Estado de Goiás — como protesto pelo fechamento do garimpo Maria Bonita, no Sul do Pará. Os garimpeiros querem uma ação imediata do governo federal para desimpedir o garimpo, ocupado desde o dia 1º pelos índios gorotire, da nação caiapó.

Ontem, o prefeito do município paraense de Redenção, Arcelides Veronezi — cidade onde estavam os garimpeiros —, confirmou que eles estão interditando o tráfego na rodovia. E, além disso, prometem retomar à força o garimpo, caso sejam obrigados a sair da estrada pela polícia goiana. Na tarde de ontem, eles ameaçaram incendiar um ônibus da Transbrasiliana, porque a empresa insistia em realizar o transbordo de passageiros no ponto interditado. Informou-se também que, para sua alimentação, os garimpeiros teriam roubado quatro reses de uma fazenda e caixas de refrigerantes de um caminhão de abastecimento da Antártica.

Acampados há vários dias em Redenção, os garimpeiros estavam à espera de uma definição por parte das autoridades em Brasília. Na sexta-feira à noite reuniram-se na área do aeroporto e decidiram rumar em direção à Belém-Brasília, em oito ônibus fretados, dezenas de caminhões e outros veículos.

A primeira parada foi em Conceição do Araguaia, ainda no Pará, onde almoçaram. Pelo caminho, mais garimpeiros foram integrando-se à caravana e a interdição ocorreu às 17h de sábado, quando já chegava a três mil o número de manifestantes. Um contingente da Polícia Militar do Pará os acompanhou até a divisa de Goiás.

Segundo se informou em Redenção, a viagem dos garimpeiros até Goiás foi financiada em grande parte pelos comerciantes do município, desesperados com os prejuízos decorrentes da interdição do garimpo. Segundo o prefeito Veronese, tanto em máquinas como

mantimentos e outros tipos de produtos esses comerciantes já investiram mais de Cr\$ 50 bilhões, à espera dos lucros no garimpo.

A situação no Sul do Pará pode piorar ainda mais nas próximas horas, pois se acredita que os garimpeiros de Maria Bonita recebem o apoio de trabalhadores de Serra Pelada, no momento desativada por causa das chuvas. O prefeito Veronese disse ter feito "tudo que era possível" para conter os garimpeiros. "Mas eles não acreditam nas minhas palavras, pois falta mesmo é uma solução de Brasília."

Em Brasília, o diretor do Departamento Nacional de Produção Mineral, José Belfort, disse que o Ministério das Minas e Energia não vai interferir nos desdobramentos nem na situação de conflito que se instalou entre os garimpeiros e os índios da reserva Gorotire, pois o problema é da alçada da Funai e, portanto, do Ministério do Interior.

### Esclarecimento

A propósito de notícia publicada na sexta-feira, sobre o garimpo Maria Bonita, João Lanari do Val enviou a este jornal as seguintes explicações:

"Ministério não consegue reabrir garimpo" — este foi o título do artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 26 de abril, em que fui acusado de instigar os índios gorotire a invadir o garimpo Maria Bonita.

Como principal acusado e "interessado" neste problema, e surpreendido pelas declarações levianas do major Curió — dep. Sebastião Moura — PDS-PA —, sou obrigado a fazer algumas considerações sobre o acontecido.

Antes o porém, e para que o assunto seja mais fácil e ser entendido, vou fazer um pequeno histórico da situação.

A reserva indígena no sul do Pará dos índios gorotire — da nação caiapó — até hoje não foi demarcada e portanto não existe decreto legalizando a sua existência. Os seus limites são confusos e seguindo linhas imaginárias, despre-



A invasão do Maria Bonita pelos índios da nação caiapó trouxe prejuízo aos garimpeiros

zando divisas naturais e já foram diversas vezes modificados.

Mesmo com estes problemas, até o advento do garimpo Cumarú, o relacionamento dos índios com os fazendeiros confrontantes, e, entre eles, a Cia. de Terras da Mata Geral da qual sou o diretor-presidente, foi o melhor possível, limitando-se a encontros casuais e bastante cordiais, apesar do conhecimento, tanto dos índios como da Cia. de Terras da Mata Geral sabermos que havia uma sobreposição das áreas confrontantes.

Com a invasão de toda a área aurífera do hoje chamado Projeto Cumarú, os garimpeiros começaram a invadir a parte da reserva indígena (ainda juridicamente irregular) por serem as mais ricas e produtivas em ouro. Surgiram então os garimpos de Maria Bonita, Tarzan, Cumaruzinho e outros mais.

Neste tempo, quem comandava e era o responsável pela ordem e disciplina do garimpo Cumarú, que compreendida todo o conjunto, era o SNI, tendo organizado o que ficou sendo o Projeto Cumarú, com a cooperação do DNPM: — Sucam — Cobal — Polícia Federal, e sendo a compra do ouro feita "com

exclusividade" pela Caixa Econômica Federal. Para os proprietários da área, apesar das reclamações, nada. Nem participações, nem indenização pelos estragos ocasionados pelas "catas" e lavras, nem mesmo o livre trânsito ou liberdade de utilização do campo de aviação de acesso de sua propriedade.

Uma pequena fazenda da proprietária instalada na área ocupada pelo Projeto Cumarú, com 80 mil pés de café e pastagem para cerca de mil reses, não podendo competir com os "ordenados" pagos no garimpo, ficou parcialmente abandonada.

E assim funcionou a região durante os anos de 1981 até abril de 1984 sob o domínio — ou comando — do SNI. A disciplina era perfeita, o objetivo alcançado. Apenas, como descontentes, os índios Gorotire e os proprietários da área invadida — A Cia. de Terras da Mata Geral.

Em abril de 1984 o SNI por razões desconhecidas resolveu se retirar do comando da "Operação Garimpo", tanto no Projeto Cumarú como do Garimpo da Serra Pelada — os dois garimpos "disciplinados" que eram o orgulho de alguns

oficiais da Agência Central do SNI.

Dali em diante, em cumprimento do testamento deixado pelo SNI, o comando do Projeto Cumarú ficou a cargo do DNPM — do Ministério das Minas e Energia — a Caixa Econômica e o Banco Central, ainda com a presença da Polícia Federal — PM do Estado do Pará — Cobal, Sucam etc.

Em meados do ano de 1984, já com a ausência do SNI e havendo já alguns sintomas de falta de autoridade no comando do Projeto Cumarú, os índios Gorotire invadiram o Garimpo Cumaruzinho com perto de cem guerreiros, e deslocaram cerca de 500 garimpeiros que, desarmados por imposição da disciplina do garimpo, nem esboçaram sequer reação.

A partir dessa invasão, começou a circular o boato que se tramava nova invasão, desta vez no Garimpo de Maria Bonita — o mais rico da região — e com uma população garimpeira entre cinco e 7.000 homens. Nesta época os índios já recebiam uma participação ("ilegal" de acordo com o Código de Minas) de 1% sobre a produção de ouro. A coordenadoria do garimpo e a Caixa Econômica, e todos os outros órgãos conheciam estas ameaças. Ninguém, nenhum órgão tomou a iniciativa de dialogar com os índios, nem mesmo a Funai, para evitar esta invasão.

E o Garimpo de Maria Bonita foi invadido.

No meu entender a invasão de Maria Bonita tem várias explicações: 1º) A absoluta aversão que os índios sentem dos garimpeiros e vice-versa, por serem os seus interesses antagonicos — os índios por terem suas matas e reservas de caça e pesca invadidas, afugentando a caça e poluindo os rios e córregos, e os garimpeiros por serem ameaçados na sua atividade. 2º) A impunidade observada na invasão do Cumaruzinho, com total apoio da Polícia Federal, e mais os maus exemplos de outras tribos em outras regiões com total apoio da Funai e outros órgãos, amplamente divulgados nos jornais e televisões de todo o País. 3º) E, finalmente, o

conhecimento de que os garimpeiros, por imposição da coordenação, andam completamente desarmados, não possuindo sequer espingardas de caça para resistir ao ataque de guerreiros Gorotire, dispostos a tudo e armados com carbinas de repetição, armas de caça de grosso calibre, e não de arco, flexa e borduna como afirma a Funai.

Neste histórico e nestas explicações é fácil notar que o nome do Major Curió não aparece nenhuma vez, pelo simples fato de nunca ter estado no Cumarú, nem na aldeia Gorotire para se informar das causas desta invasão.

Conheço o Major Curió, que esteve em minha residência em São Paulo, por ocasião das eleições de 1982, a fim de obter o apoio dos empresários paulistas com interesse naquele Estado.

O nosso relacionamento não passou deste único contato, o que, entretanto, não justifica o juízo temerário e negativo que faz de minha pessoa.

Quanto ao meu modo de pensar sobre acontecimentos, quero frisar que o deslocamento de cinco mil garimpeiros de Maria Bonita, agora desempregados e sem recursos vagando pela região, somente poderá provocar aborrecimentos e preocupações para os proprietários de terras, como é o nosso caso, e para os centros urbanos, onde já ocorreram saques e violências.

A afirmação do Major Curió — homem antes prestigiado pelos seus colegas militares e políticos e hoje isolado nos dois setores e procurando um apoio duvidoso dos garimpeiros desorientados de Serra Pelada, é totalmente inverídica não tendo o menor fundamento.

As informações transmitidas aos jornais foram prestadas, segundo o noticiário de outros jornais, pelo sr. Luis Vargas Dumont, Eurípedes de Moura e João Branco, pessoas não credenciadas para isto e que se arvoraram em líderes e arautos dos garimpeiros de Maria Bonita.

Estas as informações que posso fornecer.

João Lanari do Val